

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**HISTÓRIA DE VIDA E CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE DE
AGRESSORES CONJUGAIS: UM OLHAR PSICANALÍTICO**

Tese de Doutorado

Gabriela Quadros de Lima Stenzel

Prof^ª. Dr^ª. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa

Orientadora

Porto Alegre, dezembro de 2014.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**HISTÓRIA DE VIDA E CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE DE
AGRESSORES CONJUGAIS: UM OLHAR PSICANALÍTICO**

GABRIELA QUADROS DE LIMA STENZEL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutora em Psicologia Clínica.

Profa. Dra. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa

Orientadora

Porto Alegre, dezembro de 2014.

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S825h Stenzel, Gabriela Quadros de Lima
História de vida e características de personalidade de agressores
conjugais: um olhar psicanalítico / Gabriela Quadros de Lima Stenzel. —
Porto Alegre, 2014.
135 f. : il.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Psicologia, Pós-Graduação em
Psicologia, PUCRS, 2014.

Orientador: Profa. Dra. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa.

1. Psicologia Clínica. 2. Violência Contra Mulher. 3. Agressividade.
4. Narcisismo. 5. Pulsão de Morte. I. Lisboa, Carolina Saraiva de
Macedo. II. Título.

CDD: 157.9

Alessandra Pinto Fagundes
Bibliotecária
CRB10/1244

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Gabriela Quadros de Lima Stenzel

**HISTÓRIA DE VIDA E CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE DE
AGRESSORES CONJUGAIS: UM OLHAR PSICANALÍTICO**

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa
Presidente

Prof. Dr. Nelson Asnis

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Profa. Dra. Daniela Centenaro Levandowski
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA)

Prof. Dr. Ricardo da Costa Padovani
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Porto Alegre, dezembro de 2014.

“Poderia acontecer com qualquer outra pessoa que eu podia ter conhecido que preenchesse aquilo que estava vazio dentro de mim. E foi o que aconteceu. Vai me marcar para o resto da vida essa bondade que eu tive e que me colocou aqui (Presídio). Infelizmente eu fui muito bom para essa pessoa e acabei parando num lugar assim. O que eu entendo é que tudo que eu fiz por ela... E ela não ter reconhecido. Eu acho que isso (assassinato) pagou grande parte de tudo o que eu fiz por ela.”

(Participante do estudo/2014)

*Para meus pais, Luiz e Ieda, e irmãs, Beridiana
e Marcela, pela origem e compartilhamento da
vida.*

*Para meu marido, Leonardo, pela qualidade da
relação que temos e pela família que
construímos.*

*Para meus filhos, José Pedro, que há sete anos
nos faz mais felizes, e para aquele ou aquela
que, mesmo em desenvolvimento na barriga, já
enche nossas vidas de sentido.*

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

A produção de uma tese de doutorado exige um grande investimento. Acredito que só se tornou viável realizar este trabalho em função do investimento que também recebi. Por esse motivo, gostaria de agradecer de forma muito especial a três pessoas:

Ao meu marido, Leonardo Marques Stenzel, pela cumplicidade e por todo o afeto presente em nossa relação que me energizou em todos os momentos dessa trajetória. Tenho certeza que receber esse investimento afetivo foi o que possibilitou que o trabalho fosse concluído com prazer;

À minha primeira orientadora, Blanca Susana Guevara Werlang (*in memoriam*), por ter investido grande parte do seu conhecimento, expectativa e afeto em mim. O investimento dela certamente transformou a minha vida;

À minha atual orientadora, Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, que me acolheu de forma muito carinhosa e respeitosa, aceitando o desafio de um novo investimento com dedicação e disponibilidade.

Vocês foram fundamentais durante o percurso desse caminho, muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

A partir de diferentes tipos de participação, cada uma das pessoas mencionadas abaixo possibilitou que mais esse projeto de vida, o Curso de Doutorado em Psicologia Clínica, fosse concluído. Por isso, com muita alegria e realização agradeço:

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa *Avaliação e Intervenção do Funcionamento Psicológico Adaptado e Não Adaptado*, coordenado pela Profa. Blanca Susana Guevara Werlang até o ano de 2013, que participaram de grande parte desse projeto e, mais do que isso, de grande parte da minha trajetória profissional. O afeto que sempre permeou nossas relações de trabalho é certamente a marca mais importante e saudosa desse tempo de convivência. Obrigada Claudia Mara Bosetto Cenci, Marcia Keller Coronel, Mariana Esteves Paranhos, Katherine Flach, Roberta Louzada Salvatori, Bruna Pormann, Graziella Comelli, Gabryellen Fraga Des Essarts, Francine Bossardi e Felipe Bello. Cada um de vocês foi especial, e essencial, para o compartilhamento de vivências de muita alegria, mas também de tristeza com o encerramento de uma importante fase das nossas vidas;

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa *Relações Interpessoais e Violência: contextos clínicos, sociais, educativos e virtuais*, pela experiência de pertencer, mesmo que por pouco tempo, a outro formato grupal com temas, teorias, reflexões e formas de trabalho diferentes das que eu sempre fiz parte, propiciando, assim, crescimento e amadurecimento. Em especial ao Ramiro Figueiredo Catelan, pelo auxílio na formatação do material preparado para o Exame de Qualificação. Também de forma especial a Paula Fernandes Aiquel, Déborah Brandão e Arthur Marques Strey pelo auxílio na transcrição das gravações em áudio das entrevistas realizadas;

Aos integrantes da banca do Exame de Qualificação, Profa. Dra. Irani Iracema de Lima Argimon (relatora), Prof. Dr. Nelson Asnis (PUCRS), Profa. Dra. Silvia Pereira da Cruz

Benetti (UNISINOS), Profa. Dra. Daniela Centenaro Levandowski (UFCSPA), pelas valiosas contribuições e pela disponibilidade para a leitura e apreciação do projeto de pesquisa e do artigo teórico apresentado;

Ao Nelson Asnis, pelas importantes contribuições em parte dessa caminhada e pelo referencial ético e profissional que se tornou para mim a partir de diferentes experiências de estudo que pudemos compartilhar desde longa data;

A Ana Maria Pereira, Diretora da Faculdade de Psicologia, pela acolhida e pelo apoio que foram indispensáveis na reta final dessa conquista; muito obrigada;

Ao, à época, Subdiretor do Presídio Central de Porto Alegre (PCPA), Major Dagoberto Albuquerque da Costa, pela acolhida afetuosa que permitiu que esta pesquisa fosse realizada com todo o apoio necessário, assim como outros projetos que puderam ser viabilizados graças a sua disponibilidade e dedicação ao trabalho que realiza e relações que estabelece. Parabéns pelo profissional que é e pela atual posição de Diretor do PCPA;

Ao, à época, Diretor do PCPA, Tenente Coronel Osvaldo Luis Machado da Silva, também pelo acolhimento e autorização para a realização da pesquisa;

A tantos outros oficiais que trabalham no PCPA e que participaram de forma efetiva na operacionalização desse estudo, em especial: 1º Tenente Carlos Norberto Guerin da Silveira, 3º Sargento Marco Aurélio dos Santos Brasil e Soldado Márcia de Almeida; obrigada pela disponibilidade e agradável convivência;

Ao Juiz de Direito da Vara de Execuções Criminais de Porto Alegre, Dr. Sidinei José Brzuska, por permitir o acesso aos detentos do PCPA, viabilizando a realização deste trabalho;

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida, que tornou viável esta caminhada;

À sempre amiga Mariana Esteves Paranhos, pela parceria de tanto tempo e pelo prazer de finalmente dividir a sala de aula, além de momentos tão intensos que vivemos juntas nos últimos anos;

À também amiga Vivian Roxo Borges, pelo carinho com o qual acompanha e participa de forma significativa na minha trajetória profissional e pessoal;

A Virgínia Graciela Wassermann pelo vínculo de amizade que se estreita a cada dia e torna a rotina de trabalho mais agradável e singela, seja onde for;

Em especial, aos três homens participantes deste estudo (João, Carlos e Vicente – nomes fictícios) que, em uma situação atual de vulnerabilidade, se dispuseram a compartilhar comigo suas histórias de vida e suas angústias, em troca de uma escuta cuidadosa e respeitosa. Espero que a reflexão despertada pelos encontros que tivemos propicie novos significados sobre suas vivências;

A todos, meu sincero agradecimento e respeito!

RESUMO

HISTÓRIA DE VIDA E CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE DE AGRESSORES CONJUGAIS: UM OLHAR PSICANALÍTICO

A violência doméstica contra a mulher é considerada um sério problema de saúde pública no Brasil e no mundo. Estudos realizados com agressores conjugais parecem ser fundamentais para a compreensão desse tipo de violência tão frequente nos dias de hoje. Esta Tese tem como objetivo principal investigar características da história de vida e de personalidade de homens que perpetraram violência contra a mulher, detidos no Presídio Central de Porto Alegre. É composta por três seções: uma teórica e duas empíricas. A primeira seção é de cunho teórico e teve o objetivo de buscar subsídios para auxiliar na compreensão da influência de acontecimentos traumáticos durante a infância na forma de se relacionar e de controlar (ou não) a livre expressão da agressividade (pulsão de morte) na vida amorosa adulta. O conceito de narcisismo, como processo organizador ou desestruturante do psiquismo, foi utilizado para auxiliar na compreensão do funcionamento psicológico do agressor conjugal. A segunda seção, empírica (desenvolvida a partir de pressupostos metodológicos qualitativos), apresenta o estudo que responde ao projeto de pesquisa e que foi realizado com a participação de três homens (agressores conjugais). Todos os homens responderam a uma Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos, a Entrevista MINI, ao Método de Rorschach e a uma série de três entrevistas semiestruturadas norteadas por três grandes eixos, respectivamente: a) a história de vida do participante; b) as escolhas conjugais e a presença da violência nos relacionamentos amorosos e c) a situação atual de cárcere como consequência da violência cometida. Os achados foram examinados pelo método da Análise Interpretativa e embasados nos pressupostos da teoria psicanalítica. Foram identificadas três asserções: a) o desamparo e a violência como marcas na história de vida e na constituição psíquica de agressores conjugais; b) a escolha conjugal e o exercício da violência como manifestações da falha narcísica e c) a Lei Maria da Penha e a reedição do sentimento de abandono. Os resultados encontrados permitiram compreender a violência cometida como decorrente de uma história de vida marcada por vivências traumáticas que produziram falhas narcísicas e a livre expressão da agressividade (pulsão de morte). A terceira e última seção, também de cunho empírico, explorou as interligações existentes entre trauma, narcisismo e pulsão de morte por meio da análise do caso clínico de um dos participantes da pesquisa. Explorou-se a influência da história de vida na escolha e relacionamento conjugal e no ato violento cometido por este homem contra sua companheira, assim como características de personalidade do mesmo. Identificou-se a presença do desamparo e da violência em sua história de vida, produzindo marcas em sua constituição psíquica que influenciaram em seu relacionamento amoroso. Propõe-se a expressão *aprisionamento psíquico* como forma de compreensão da violência perpetrada.

Palavras-chave: Violência contra a Mulher; Agressor Conjugal; Trauma; Narcisismo; Pulsão de Morte.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 (Psicologia)

Sub-área conforme classificação CNPq: 7.07.10.00-7 (Tratamento e Prevenção Psicológica)

ABSTRACT

LIFE HISTORY AND PERSONALITY CHARACTERISTICS OF MARITAL AGGRESSORS: A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE

Domestic violence against women is considered a serious public health problem in Brazil and worldwide. Studies with marital aggressors seem to be fundamental to the understanding of such violence so common nowadays. The main goal of this thesis was to investigate life history and personality characteristics of men who perpetrated violence against women, held in the Central Prison of Porto Alegre. It consists of three sections: one theoretical and two empirical. The first section is theoretical, and aimed to search subsidies to understand how traumatic events in this men childhood may influence on the relations they will establish with others and their capacity to control the free expression of aggressiveness (death drive) in adult's romantic relationships. The concept of narcissism, as an organizer or deconstructive process of the psyche, was used to understand the psychological functioning of the marital aggressor. The second section, empirical (developed from qualitative methodological assumptions), introduced the study that aimed to cover the research project main objective, which was conducted with the participation of three men (marital aggressors). All men answered to a Personal and Socio-Demographic Data Sheet, MINI Interview, the Rorschach Method and a series of three semi-structured interviews guided by three main topics, respectively: a) the participant's life story; b) marital choices and the presence of violence in romantic relationships and c) the current situation in prison as a result of violence committed. The results were examined through Interpretative Analysis and grounded on assumptions of psychoanalytic theory. Three assertions have been identified: a) helplessness and violence as marks in the life history and psychic constitution of marital aggressors; b) marital choice and the perpetuation of violence as manifestations of narcissistic failure and c) Maria da Penha Law and the recover experience of the feeling of abandonment. It was possible to understand the violence committed as a result of a life story marked by traumatic experiences that produced narcissistic failure and the free expression of aggressiveness (death drive). The third and final section, also of empirical nature, explored the interconnections between trauma, narcissism and death drive through a clinical case analysis of one of the research participants. The influence of life history in the marital relationship and in the violent act committed by this man was explored, as well as his personality characteristics. The presence of helplessness and violence in his life story were identified, producing marks on his psychic constitution that influenced in his romantic relationship. It is proposed the term *psychic imprisonment* as a means of understanding the violence perpetrated.

Keywords: Violence Against Women; Marital Aggressors; Trauma; Narcissism; Death Drive.

Area as CNPq rating: 7.07.00.00-1 (Psychology)

Sub area as CNPq rating: 7.07.10.00-7 (Treatment and Psychological Prevention)

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
LISTA DE TABELAS	14
INTRODUÇÃO	15
SEÇÃO I – Revisão teórica narrativa:	
<i>Violência conjugal: aportes psicanalíticos para o entendimento do</i> <i>agressor</i>	35
SEÇÃO II – Artigo empírico 1:	
<i>História de vida e características de personalidade de agressores conjugais: um</i> <i>olhar psicanalítico</i>	58
SEÇÃO III – Artigo empírico 2:	
<i>Aprisionamento psíquico sob uma perspectiva psicanalítica: estudo de caso de</i> <i>um agressor conjugal</i>	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE	116
ANEXOS	119
ANEXO A: Aprovação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS.....	120
ANEXO B: Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS.....	122
ANEXO C: Carta de Autorização do Diretor do Presídio Central de Porto Alegre.....	126
ANEXO D: Carta de Autorização do Juiz da Vara de Execuções Criminais de Porto Alegre.....	128

ANEXO E: Termo de Assentimento.....	130
ANEXO F: Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos.....	132

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Características pessoais e sociodemográficas dos participantes..... 72

Tabela 2. Características da ocorrência de agressão conjugal e detenção dos participantes..... 72

Tabela 3. Características relacionadas à saúde dos participantes (Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos e Entrevista MINI)..... 73

INTRODUÇÃO

Esta Tese de Doutorado, intitulada *História de vida e características de personalidade de agressores conjugais: um olhar psicanalítico* foi desenvolvida no grupo de pesquisa “Relações Interpessoais e Violência: contextos clínicos, sociais, educativos e virtuais”, coordenado pela Profa. Dra. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Este trabalho teve delineamento qualitativo e os dados foram examinados segundo a técnica denominada Análise Interpretativa de Erickson (1997).

O fenômeno da violência chama a atenção e desperta o interesse de estudo de diversos pesquisadores ao redor do mundo, sendo considerado um sério problema de saúde pública por órgãos nacionais e internacionais (Brasil, 2005; Dahlberg, & Krug, 2007; Krug, Dahlberg, Zwi, & Lozano, 2003; OMS, 2002). O estudo dos comportamentos violentos abarca as ações auto infligidas (ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado), interpessoais (violência doméstica, homicídio, ações bélicas) e coletivas (guerras, atos terroristas, etc.) (OMS, 2002). Esses comportamentos geram consequências pessoais e sociais negativas e impactantes, exigindo ações de intervenção e prevenção dos profissionais da saúde.

A violência doméstica – psicológica, física ou sexual – é aquela que acontece entre pessoas muito próximas, no âmbito das relações familiares, podendo ser, portanto, subestimada e por vezes não entendida como violência pela sociedade (Schraiber, D’Oliveira, Falcão, & Figueiredo, 2005). Um tipo de violência doméstica, muitas vezes culturalmente legitimado, é a violência contra a mulher que é certamente um sério problema vinculado à violação dos direitos humanos. Contudo, explicar a violência, de maneira geral, como um conceito estanque e simples é correr o risco de reduzir a sua complexidade. A violência deve ser entendida como um fenômeno da ordem do vivido que mobiliza uma grande carga

emocional em quem a comete, em quem sofre e em quem testemunha um ato violento. E é justamente pela complexidade de nomear a experiência vivida através da violência que se torna ainda mais difícil pensar em uma definição universal para o conceito (Minayo, 2005).

Estudos (Fulu, Jewkes, Roselli, & Garcia-Moreno, 2013; Krug, Dalhberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2003) demonstram elevadas taxas de violência contra a mulher nas diferentes sociedades e ao longo do tempo. O problema é subnotificado, mas sabe-se que a violência cometida pelo parceiro íntimo oscila entre 4 e 23% até valores em torno de 33 a 39%, quando considerado o período total de vida das mulheres vítimas. No mundo, um em cada cinco dias de absenteísmo no trabalho feminino decorre da violência doméstica e na América Latina, esta atinge cerca de 25% a 50% das mulheres (Adeodato, Carvalho, Siqueira, & Souza, 2005). Já na realidade brasileira, os mesmos autores apontam que a cada quatro minutos uma mulher é agredida, sendo que em 85,5% dos casos de violência física contra mulheres, os agressores são seus parceiros. Ainda, pesquisas (Barker, Contreras, Heilman, Singh, Verma, & Nascimento, 2011; Jelkes, Sikweyiya, Morrel, & Dunkle, 2011) sugerem que aproximadamente 24% dos homens cometem violência contra a sua parceira íntima ao longo da vida no Brasil, e 42% na África do Sul. Em Bangladesh, um a cada três homens admitiram ter perpetrado violência física e/ou sexual contra a sua esposa (Silverman, Decker, Kapur, Gupta, & Raj, 2007). Assim, identifica-se que a violência perpetrada pelo parceiro íntimo é o tipo de violência mais prevalente contra as mulheres ao redor do mundo (Fulu, Jewkes, Roselli, & Garcia-Moreno, 2013).

Com o intuito de coibir a violência doméstica, em 2006, a Lei 11.340 (Código Civil Brasileiro) foi sancionada. Com essa Lei, todo caso de violência doméstica contra a mulher é considerado crime e deve passar por inquérito policial que será remetido ao Ministério Público. Estes inquéritos passaram a ser julgados nos Juizados Especializados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, instrumentos criados a partir dessa legislação, ou,

enquanto estes não existirem, nas Varas Criminais. A lei ainda classifica e diferencia os tipos de violência doméstica, proíbe a aplicação de penas pecuniárias aos agressores, prevê a prisão em flagrante e amplia a pena a eles imputada para até três anos de detenção. Além disso, prevê o afastamento do agressor do ambiente familiar e a possibilidade de sua prisão preventiva ser decretada; e determina o encaminhamento das mulheres em situação de violência, e seus dependentes, a programas e serviços de proteção e de assistência social. Esta lei entrou em vigor em 22 de setembro de 2006 e recebeu o nome de Lei “Maria da Penha”¹.

Apesar de a Lei Maria da Penha estar em vigor há oito anos e ter contribuído de forma relevante para que o fenômeno da violência doméstica fosse encarado com seriedade, algumas dificuldades ainda permanecem sem uma solução definitiva, devido ao caráter complexo e multifatorial deste problema. Por exemplo, prever o risco de uma agressão grave que possa resultar em danos ou morte da vítima não é tarefa simples, sendo, segundo Delgado (2009), um dos maiores problemas que as autoridades precisam enfrentar, mas que ainda não recebeu especial atenção pela esfera jurídica. Nesse sentido, o mesmo autor refere que muitas vezes o sistema penal não tem conhecimento da dinâmica da história de maus tratos que se instaura entre agressor e vítima e a partir de suas famílias de origem, o que permite que a violência ocorra em âmbito privado, dificultando a interferência de terceiros.

Além da Lei Maria da Penha, se torna interessante mencionar a Lei 11.489, de 2007, que estabelece o dia 6 de dezembro como o Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência contra as Mulheres que reforça a campanha Laço Branco, apresentada no Canadá em 1999. A partir desta campanha, constata-se o engajamento de diferentes esferas, como a jurídica, social e acadêmica, representando os homens, em medidas de prevenção à violência contra a mulher (Oliveira, & Gomes, 2011). Já em 2009 surge a proposta de criação

¹ Maria da Penha sofreu duas tentativas de homicídio por parte do seu companheiro, resultando no seu estado de paraplegia, e lutou bravamente para que seu agressor fosse condenado. Dezenove anos depois ela alcançou seu objetivo, porém seu agressor ficou preso por dois anos apesar de ter sido condenado a oito anos de detenção.

da Política Nacional de Atenção à Saúde do Homem que apresenta no item Diagnóstico a problemática da violência. Esta publicação chama a atenção para a necessidade de se considerar os fatores que tornam o homem vulnerável à autoria da violência com o objetivo de intervir preventivamente e não somente em termos de reparação (Brasil, 2008).

Pesquisas a respeito do entendimento do comportamento do agressor são escassas. Uma busca em importantes bases de dados (SciELO, Pepsic e Biblioteca Virtual da Saúde) demonstrou que existem poucos estudos cuja população em foco seja agressores conjugais. Quando essa busca se estende ao entendimento psicanalítico do fenômeno em pauta, evidenciou-se a ausência de pesquisas com essa população. Nesse sentido, um artigo publicado por Oliveira e Gomes (2011), apresentando o resultado de uma análise de estudos brasileiros relacionando os descritores “homens” e “violência conjugal”, destacou a importância de maior investimento em termos de investigações com métodos qualitativos junto aos autores de violência conjugal a fim de aprofundar o conhecimento sobre a violência doméstica. A mesma publicação aponta que pesquisas com e sobre agressores atraem menos interesse, apesar de receberem investimento em âmbito internacional desde a década de 1980. Corroborando este fato, um estudo de caráter internacional (Fulu, Jewkes, Roselli, & Garcia-Moreno, 2013) destaca que pesquisas com agressores conjugais representam um desafio metodológico e despertam menos interesse quando comparadas aos estudos com vítimas deste tipo de violência. Porém, do ponto de vista acadêmico e científico, se faz necessário compreender a violência em todas as suas facetas, a fim de que se possam pensar em alternativas de prevenção e intervenção.

A partir de uma perspectiva psicológica, a violência nasce da agressividade, daquilo que seria a inclinação instintiva do homem para matar ou fazer sofrer seus semelhantes visando garantir a própria sobrevivência (Freud, 1933[1932]/1996). Assim, pode-se questionar se a violência é inata ou não ao ser humano, assim como refletir a respeito do que estabelece a

diferença de comportamento entre as pessoas. Entretanto, deve-se ter em mente que os comportamentos violentos resultam da ação complexa de fatores individuais, interpessoais, sociais, culturais e ambientais. Desta forma, nenhum aspecto por si só é capaz de explicar por que alguns indivíduos têm comportamentos agressivos e violentos e outros não.

Agressividade no âmbito conjugal: características do agressor

A presença da agressividade nas relações amorosas vai à contramão do que se espera desse tipo de relacionamento: trocas afetivas, companheirismo, entre outras características que fazem com que as pessoas busquem compartilhar as suas vidas e não viver de forma isolada. A agressão nem sempre se manifesta somente a partir de conflitos físicos, mas também pode se fazer presente através de abusos sexuais e psicológicos, sendo estes ainda mais difíceis de serem identificados no ambiente do lar por serem considerados, muitas vezes, como uma forma de comunicação entre o casal (Minayo, 2005). Entende-se que em casos de violência doméstica existe uma relação que está prejudicada, ou seja, a violência se apresenta no âmbito conjugal ou entre pais e filhos. Nessa perspectiva, Hirigoyen (2006) destaca o aspecto de que algumas mulheres possuem certa vulnerabilidade para sofrer a violência conjugal, como a sua situação social e psicológica de submissão aos seus companheiros. Por outro lado, acredita-se que os homens também podem ser olhados com esse mesmo entendimento, de que há uma vulnerabilidade que os acomete, tornando-os mais propensos a serem autores de violência contra as suas parceiras.

Nesse sentido, o estudo de Couto, Schraiber, D'Oliveira e Kiss (2007) identificou que os homens investigados não se reconheciam como agressores e acreditavam que a violência é um ato condenável, porém tolerável já que, em suas concepções, existem mulheres que “gostam de apanhar”, sendo a violência, portanto, uma manifestação masculina natural.

Participantes de pesquisas com agressores conjugais (Moraes, & Ribeiro, 2012; Rosa et al., 2008) entendiam que a ação agressiva é desencadeada pelo comportamento da companheira. Ou seja, os participantes expressaram, nestes estudos, que se a relação amorosa não dá certo, a culpa é do outro, no caso da mulher. Nesta linha de pensamento, os comportamentos da companheira que geraram desgosto para os agressores que participaram da pesquisa de Rosa et al. (2008) incluíam o cuidado inadequado com os filhos e o comportamento dominador de suas mulheres. Ainda, através da fala destes participantes, quando estes homens atribuem para si as causas da violência, mencionam o uso da bebida alcóolica e os problemas financeiros como propiciadores/causas da sua agressividade. Porém, mesmo que estes agressores percebam a sua contribuição para o fenômeno da violência, a culpa ainda parece ser deslocada para a mulher, que, por se preocupar com o uso do álcool e a condição financeira acabam por pressionar os seus companheiros, resultando na violência doméstica. Convém salientar que o estudo de Padovani e Williams (2011) constatou o uso de substâncias psicoativas ilícitas por grande parte dos agressores conjugais participantes da pesquisa, indicando a probabilidade maior da violência advinda de adictos, assim como o aumento da severidade da violência cometida. Desta forma, segundo os autores, intervenções para essa população devem levar em consideração a necessidade do tratamento paralelo do uso abusivo ou dependente de substâncias psicoativas.

A pesquisa de Moraes e Ribeiro (2012) também corrobora as ideias anteriormente descritas e constatou que os homens utilizam o fato de estarem sob o efeito do álcool como uma justificativa para a agressão cometida, já que ficam fora de controle. Além do uso do álcool também aparecem como justificativas possíveis o fato de que o uso da violência é uma forma de resposta ou punição ao comportamento inadequado da mulher, além da força física natural do homem, que em contato com a fragilidade feminina torna a agressão mais grave. O significado encoberto pelas desculpas apresentadas neste estudo, segundo os autores, é de que

não havendo a intencionalidade da agressão, os homens não se sentem os únicos responsáveis pela violência. A mesma pesquisa ainda demonstrou a concordância dos agressores com os termos da Lei Maria da Penha. Entretanto, estes manifestaram sua opinião de que a Lei deveria ser aplicada somente nos casos considerados graves, e relataram que consideram os seus próprios casos passíveis de serem resolvidos no ambiente doméstico.

Dados analisados pelo Departamento de Justiça da Catalunya demonstram que as ideias existentes de que os diferentes tipos de violência acontecem em função de transtornos psíquicos ou efeito de álcool e outras drogas por parte do agressor é um mito, enraizado e reforçado pelo senso comum, mas que não se confirma a partir da investigação empírica do Departamento em questão (Delgado, 2009). Nessa mesma direção, Andrés (2004) aponta que diagnósticos psicopatológicos em agressores conjugais não são frequentes, mas na grande maioria dos casos é possível identificar alterações psicológicas na área do controle dos impulsos e da raiva, além de déficit na capacidade de empatia e expressão das emoções. Echeburúa, Amor e Corral (2009) acrescentam a presença frequente de distorções cognitivas, déficits em habilidades de comunicação e resolução de problemas, assim como baixa autoestima. Os autores reforçam a informação de que quadros clínicos são menos prováveis, mas quando presentes costuma-se identificar alcoolismo e transtornos de personalidade. No que diz respeito ao uso de substâncias, entende-se que este não é um fator que explique a violência e os maus tratos em sua totalidade, mas que pode acionar uma predisposição para condutas violentas derivadas de atitudes previamente hostis (Andrés, 2004; García, 2004).

Alguns autores (Echeburúa, Amor, & Corral, 2009; Hirigoyen, 2006) destacam que existem diferentes tipos de homens violentos, assim como diferentes motivos para o surgimento da violência. Contudo, conforme ressalta Hirigoyen (2006), como os agressores não possuem o hábito de solicitar ajuda, só é possível buscar compreender esse funcionamento e oferecer algum tipo de intervenção na esfera judicial, para onde esses

homens são levados após a agressão cometida, como por exemplo, em casas prisionais. Esta autora acrescenta que a presença de um traumatismo psicológico anterior, geralmente na infância, pode fragilizar e tornar as pessoas, em geral, vulneráveis. Por exemplo, conviver com um pai agressivo para com a mãe, no caso dos homens, pode facilitar que a criança se torne um adulto igualmente violento, embora isso não aconteça em todos os casos.

A vulnerabilidade que Hirigoyen (2006) confere aos homens agressores diz respeito às falhas narcísicas que constituem o alicerce para o comportamento violento. Nessa perspectiva, seria a fragilidade e o sentimento de impotência que levam os homens a desejarem controlar e dominar a companheira. Esses homens se comportam como filhos que esperam que a sua mãe (companheira) diminua o peso das suas tensões. Em caso negativo, a parceira vira sua inimiga e o homem teme ser invadido pela angústia de aniquilamento, sendo, então, a violência o seu próprio escudo protetor. Trata-se, segundo a autora, de um medo infantil do abandono. Ideias e pressupostos apresentados anteriormente permitem o uso da teoria psicanalítica na tentativa de compreender de que forma se estabelecem as relações amorosas e de que maneira a agressividade pode se fazer presente nesse contexto.

Conjugalidade e agressividade: contribuições da psicanálise

A união entre duas pessoas caracteriza-se como a primeira etapa para o estabelecimento de um novo núcleo familiar. Assim sendo, as relações entre os membros da família de origem servem como modelo e influenciam de forma significativa a futura escolha conjugal, configurando um círculo de vivências e fazendo com que aspectos individuais e familiares interajam constantemente. No que se refere à escolha conjugal, é necessário considerar a influência de aspectos conscientes e inconscientes. A partir das contribuições da psicanálise, entende-se que os motivos dessa escolha passam principalmente por motivações inconscientes

que foram originadas ao longo da história de vida de cada um (Lima, 2010; Lima, Werlang, & Potrich, 2012).

O estudo do inconsciente evidencia que o ser humano não possui o poder de decisão que imagina possuir, mas nem por isso pode inocentar-se de seus sucessos e insucessos, conferindo os resultados de suas ações apenas a fatores externos (Lima, 2010; Lima & Werlang, 2011). Assim, um casamento considerado feliz não é obra do destino, mas pelo contrário, as posturas assumidas, assim como as ações que ocorrem ao longo da vida, sofrem influência de fatores internos que estão fora do contorno da consciência. Desta forma, as relações que um indivíduo estabelece com o outro e tudo o que ele faz ao longo da vida derivam dos seus registros pessoais e dos recursos que desenvolveu, associando sua herança genética com seus diferentes modelos de aprendizagem oriundos dos vínculos familiares e sociais (Anton, 1998; Lima, 2010; Lima et al., 2012). Freud (1918[1917]/1996) destaca em um dos seus textos no qual aborda e faz contribuições à psicologia do amor, que as investigações de cunho analítico revelam o quão influentes são as distribuições iniciais da libido para o estabelecimento das futuras relações amorosas. Assim, as motivações que levam ao casamento são, em maior parte, de caráter inconsciente e identificam-se padrões repetitivos de relacionamentos motivados pela persistência de desejos anteriores e derivados da forma como as primeiras necessidades foram satisfeitas no início da vida (Pincus, & Dare, 1981). Então, para obter prazer nos relacionamentos, as pessoas carecem da ação complementar do outro, o qual, durante a infância, são os pais e, na vida adulta, passa a ser o cônjuge (Costa, 2000). Contudo, nem sempre as relações amorosas são geradoras de satisfação ao longo da vida, pois as motivações inconscientes que levarão ao estabelecimento de uma união podem estar a serviço da manutenção de formas de se relacionar que são réplicas ou repercussões de um passado marcado, por exemplo, pela violência e pelo desamparo.

A Psicanálise, enquanto ciência que se preocupa com a constituição do psiquismo, assim como com as repercussões dessa constituição no comportamento individual e na sociedade, contribui de forma especial para o entendimento do fenômeno da violência e da presença da agressividade como inerente à condição humana. Para Laplanche e Pontalis (2001), a agressividade possui como conceito a premissa de que se trata de uma “tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasísticos que visam prejudicar o outro, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo, etc.” (p. 11). Sendo assim, os mesmos autores destacam que a agressão possui formas de expressão que vão para além da ação motora violenta e destruidora, podendo ser expressa através, por exemplo, de comportamento negativo (como recusa de auxílio), e afirmam que a agressividade está presente desde cedo no desenvolvimento do sujeito.

A noção psicanalítica a respeito do caráter destrutivo do ser humano foi se construindo ao longo de toda a evolução do pensamento freudiano. Em 1920, quando Freud conceituou o dualismo entre as Pulsões de Vida e as Pulsões de Morte (já durante a sua segunda teoria das pulsões), se tornou inegável um aspecto importante da essência humana: as várias facetas da destrutividade (Asnis, Werlang, Macedo, & Dockhorn, 2012). Destaca-se que foi a descoberta da compulsão à repetição, tema discutido por Freud em seu texto *Além do princípio do prazer* (1920/1996), que proporcionou ao autor as bases para a conceituação da pulsão de morte. Por ser de origem inconsciente, portanto de difícil controle, a compulsão à repetição leva o sujeito a se colocar repetitivamente em situações dolorosas, semelhantes a antigas experiências de sua vida (Asnis, 2013; Lima, & Werlang, 2011). Nesse sentido, Roudinesco e Plon (1998) consideram que Freud reconheceu uma característica “demoníaca” da compulsão à repetição, fazendo relação desta com a agressividade e a destrutividade presentes no ser humano. No entanto, Freud (1930[1929]/1996) assinalou que a pulsão de morte opera primordialmente de forma silenciosa no interior do organismo e que apenas uma parte dela é desviada para o

mundo externo através da agressividade e da destrutividade mencionadas. A partir desta concepção, entende-se que as pulsões de morte possuem uma tendência autodestrutiva, sendo secundariamente dirigida ao exterior sob a forma de pulsão de agressão e de destruição (Laplanche, & Pontalis, 2001).

Antes disso, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) pontuou que o componente pulsional de crueldade é entendido como natural ao caráter infantil, já que a trava que faz a pulsão de dominação cessar ante a dor do outro, ou seja, a capacidade de se compadecer tem seu desenvolvimento em um momento mais tardio. Assim, o importante a respeito dessa característica do desenvolvimento humano, é que a ausência da barreira da compaixão representa o risco de que esse tipo de vínculo estabelecido na infância entre as pulsões cruéis e as erógenas, que permitem o sentimento de prazer, permaneça indissolúvel também na vida adulta. Portanto, a educação e a presença do amor influenciarão de forma relevante no desenvolvimento das barreiras de compaixão, as quais abrandarão a força das pulsões de agressividade, permitindo o exercício de outras formas de satisfação mais ligadas à promoção de amor e fraternidade. Contudo, é importante mencionar que Freud não desconsiderou a influência do meio no entendimento da agressividade humana, mesmo considerando-a como um inato componente pulsional (Asnis et al., 2012; Asnis, 2013).

Em *Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte* (1915/1996a), Freud destacou a noção de civilização como sendo fruto da capacidade que o ser humano possui de transformar suas tendências egoístas em altruístas e sociais. Já em *Pulsão e suas Vicissitudes* (1915/1996b), Freud apresentou importantes considerações a respeito do ódio, afirmando que, no que diz respeito às relações objetais, o ódio é mais antigo que o amor. O autor chega a mencionar que se uma relação de amor for rompida, é possível que o ódio surja em seu lugar. Nesse sentido, o amor regressaria a uma fase preliminar sádica e o ódio adquiriria um caráter erótico, ficando, desta forma, assegurada a continuidade da relação de amor.

Freud (1915/1996b) deixou claro que quando o ódio está presente, junto com este, uma satisfação libidinal, narcísica ou voltada para o objeto também se faz presente, ou seja, não se trata da pulsão de morte em seu estado puro, mas sim mesclada com a pulsão de vida. Desta mescla, e graças à ação do sistema muscular, surge a agressão e também a pulsão de apoderamento. A diferença, então, se apresenta nas formas encontradas pelos indivíduos para dar vazão aos atos e sentimentos dela decorrentes. Assim, a vivência de satisfação experimentada ainda em tenra idade traz consequências decisivas para o desenvolvimento das funções individuais, uma vez que produz marcas mnêmicas do objeto que produziu a satisfação e uma aquisição de informações acerca da descarga que se segue à ação específica. Com isso, torna-se possível que, ao reaparecer certo estado de necessidade, ocorra também o reaparecimento dessas lembranças. Fica estabelecido, assim, um apoio entre a necessidade somática e a sensação de satisfação provocada pelo apaziguamento experimentado pelo bebê. Em contrapartida, a dor, quando intensa e duradoura, tem como efeito uma intensa desorganização do psiquismo. Isto porque quando grandes quantidades de estímulos, neste caso desagradáveis, rompem a proteção dos órgãos dos sentidos e superam a resistência oferecida pelas barreiras de contato, os neurônios se tornam inteiramente permeáveis à condução de excitação, isto é, inundados e incapazes de manter vigente um caminho de satisfação (Asnis et al., 2012).

Em termos de conceituação, destaca-se que neste estudo os termos agressividade e violência referem-se à utilização da força como forma de exercer domínio sobre o outro, (Couto, 2005). Contudo, a partir do exposto até o momento, amplia-se esse entendimento para também o uso de comportamentos que prejudicam ao outro, mesmo sem a presença da força física, conforme o conceito de agressividade apresentado por Laplanche e Pontalis (2001).

Então, foi com o intuito de oportunizar uma escuta qualificada e privilegiada, baseada nos pressupostos psicanalíticos, que este estudo buscou contribuir para o entendimento da

presença da agressividade nos relacionamentos íntimos. Procurou-se, portanto, com esta Tese, investigar características da história de vida e de personalidade de homens que perpetraram violência contra a mulher, detidos no Presídio Central de Porto Alegre através da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006).

Nas etapas iniciais, para o desenvolvimento desta Tese, foi elaborado e encaminhado para apreciação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS, o projeto de pesquisa “*História de vida e características de personalidade de agressores conjugais: um olhar psicanalítico*” e a revisão teórica narrativa “*Violência conjugal: aportes psicanalíticos para o entendimento do agressor*”. Destaca-se que o projeto foi aprovado sem sugestões de alterações (ver Anexo A), assim como a produção teórica obteve ótima apreciação pelos integrantes da banca examinadora. Posteriormente, o projeto de pesquisa foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, tendo sido aprovado no dia 11 de agosto de 2014 sob o parecer número 746.770 (ver Anexo B).

Após, com a autorização por parte do Presídio Central de Porto Alegre (ver Anexo C) e da Vara de Execuções Criminais de Porto Alegre (ver Anexo D), foi possível obter acesso e entrevistar os três participantes do estudo, seguindo os passos previstos nos procedimentos para coleta e análise dos dados do projeto. Para o desenvolvimento do estudo, a localização dos participantes (homens presos pela Lei Maria da Penha no Presídio Central de Porto Alegre) foi possível por meio da seleção e indicação dos oficiais que trabalham no Presídio, levando em consideração aspectos de segurança e a disponibilidade dos presidiários em participar da pesquisa. Os homens eram convidados pela própria pesquisadora a participar da pesquisa. Ressalta-se que, no decorrer do contato com os participantes, sempre que foram observados sinais que denunciavam mobilização afetiva excessiva que pudesse comprometer o bem-estar psicológico dos mesmos, era realizada, no final da entrevista, orientação adequada.

A organização desta Tese segue as orientações do Ato de Deliberação N° 05/2012 do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. Com base na operacionalização do projeto de Tese, no estudo de material bibliográfico e na análise dos dados, foi possível organizar três seções. A primeira seção, de cunho teórico, é resultado da produção realizada para o exame de qualificação. A segunda seção, de cunho empírico, responde ao projeto de pesquisa. A terceira seção, também de cunho empírico, apresenta o material clínico de um dos participantes da pesquisa no formato de estudo de caso.

De forma mais detalhada a Seção I intitula-se *Violência conjugal: aportes psicanalíticos para o entendimento do agressor*. Esta revisão crítica da literatura tem o objetivo de buscar subsídios teóricos para auxiliar na compreensão da influência de acontecimentos traumáticos durante a infância na forma de se relacionar e de controlar (ou não) a livre expressão da agressividade (pulsão de morte) na vida amorosa adulta. O conceito de narcisismo, como processo organizador ou desestruturante do psiquismo, foi utilizado para auxiliar na compreensão do funcionamento psíquico do agressor conjugal.

A Seção II, intitulada *História de vida e características de personalidade de agressores conjugais: um olhar psicanalítico* retrata um estudo de cunho qualitativo em que os participantes foram três homens maiores de 18 anos de idade que perpetraram violência contra as suas parceiras íntimas; e os principais instrumentos para coletar os dados foram uma série de três entrevistas semiestruturadas e o Método de Rorschach. As entrevistas foram elaboradas com o objetivo de investigar as características da história de vida de agressores conjugais, convidando-os a revisitarem a sua história de vida, assim como a narrarem sobre suas escolhas conjugais e sobre a vivência de detenção em função da violência cometida. Os resultados, analisados através da técnica denominada Análise Interpretativa de Erickson (1997) e embasados teoricamente a partir da teoria psicanalítica, permitiram sustentar a compreensão desse fenômeno (homens que perpetraram violência contra a sua parceira íntima)

como resultante da vivência de situações traumáticas anteriores de difícil elaboração psíquica que deixaram marcas e influenciaram diretamente na forma dos participantes se relacionarem com suas parceiras íntimas. Constatou-se que o narcisismo, processo organizador do psiquismo, foi afetado ao ponto de se tornar fator desestruturante da constituição psíquica desses homens. Entende-se que buscar formas de ressignificar e elaborar o passado marcado pelo desamparo e pela violência permitirá o desenvolvimento de recursos psíquicos mais saudáveis e adaptados ao estabelecimento de relações amorosas satisfatórias.

Por último, a Seção III, intitulada *Aprisionamento psíquico: um olhar psicanalítico sobre o agressor conjugal* explorou as interligações existentes entre trauma, narcisismo e pulsão de morte por meio da análise do caso clínico de um homem que cometeu violência doméstica contra a sua parceira íntima. A partir deste enfoque, considera-se que os recursos teóricos e técnicos da psicanálise são uma importante ferramenta de trabalho para a intervenção e prevenção neste fenômeno violento tão silencioso e frequente, desde longa data até a atualidade.

As três seções demonstram o percurso teórico e empírico realizado para a produção desta Tese. A proximidade com o tema estudado e com os três participantes deste estudo possibilitaram a constatação, na prática, da relevância de estudar esse fenômeno, reforçando também a necessidade de dedicar especial atenção aos recursos de prevenção de tal situação. Espera-se, portanto, explicitar por meio dessas seções, não somente um trabalho científico, mas a vivência singular da pesquisadora ao longo do Curso de Doutorado em Psicologia Clínica e, principalmente, a vivência intensa de desamparo e conflito dos três participantes do estudo. Acredita-se, assim, ser imprescindível o estudo de tal temática, que faz com que o pesquisador se depare com situações “limites” da condição humana e que, portanto, desafia os profissionais de saúde mental.

Referências

- Adeodato, V. G., Carvalho, R. R., Siqueira, V. R., & Souza, F. G. M. (2005). Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. *Saúde Pública*, 39 (1), 108-113.
- Andrés, P. J. A. (2004). *Actuaciones concretas: programa de tratamiento de maltratadores*. Madrid: Escuela Complutense de verano.
- Anton, I. L. C. (1998). *A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. Porto Alegre: Artmed.
- Asnis, N. (2013). *Homem-bomba: o sacrifício das pulsões*. Porto Alegre: Buqui.
- Asnis, N., Werlang, B. S. G., Macedo, M. M. K., & Dockhorn, C. N. B. F. (2012). A pulsão de morte: desde Freud, a dualidade do humano. In M. M. K. Macedo, & B. S. G. Werlang (Orgs.), *Psicanálise e Universidade: potencialidades teóricas no cenário da pesquisa* (pp. 14-33). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Barker, G., Contreras, M., Heilman, B., Singh, A., Verma, R., & Nascimento, M. (2011). Evolving men: initial results from the International. *Men and Gender Equality Survey*. Washington, DC: International Centre for Research on Women.
- Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde (2005). *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas (2008). *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (princípios e diretrizes)*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Costa, G. P. (2000). *A cena conjugal*. Porto Alegre: Ates Médicas Sul.
- Couto, S. (2005). *Violência Doméstica: Uma nova intervenção terapêutica*. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC.

- Couto, M. T., Schraiber, L. B., D'Oliveira, A. F. P. L., & Kiss, L. B. (2007). Concepções de gênero entre homens e mulheres de baixa renda e escolaridade acerca da violência contra a mulher. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1323-1332.
- Delgado, J. (2009). Violencia de género y sistema penal: reflexiones sobre el tratamiento del riesgo de reiteración de la victimización. In E. Echeburúa, J. Fernández-Montalvo, & P. Corral, *Predicción del riesgo de homicidio y de la violencia grave en la relación de pareja – Instrumentos de evaluación del riesgo y adopción de medidas de protección* (pp. 149-161). Centro Reina Sofía: Generalitat Valenciana.
- Echeburúa, E., Amor, P. J., & Corral, P. (2009). Hombres violentos contra la pareja: trastornos mentales y perfiles tipológicos. *Pensamiento Psicológico*, 6 (13), 27-36.
- Erickson, F. (1997). Metodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In M. Wittrock (Org.). *La investigación de la enseñanza* (pp. 195-301). Barcelona: Paidós.
- Freud, S. (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. e Trad.). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 117-229). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1996a). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In J. Strachey (Ed. e Trad.). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 285-312). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1996b). As pulsões e suas vicissitudes. In J. Strachey (Ed. e Trad.). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 115-144). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1918[1917]/1996). O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III). In J. Strachey (Ed. e Trad.). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol.11, pp. 197-216). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1920/1996). Além do princípio de prazer. In J. Strachey (Ed. e Trad.). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol.18, pp. 11-72). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930[1929]/1996). O mal-estar na civilização. In J. Strachey (Ed. e Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 65-148). Rio de Janeiro Imago.
- Freud, S. (1933[1932]/1996). Por que a guerra? (Einsten e Freud). In J. Strachey (Ed. e Trad.). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (Vol. 22, pp. 189-208). Rio de Janeiro: Imago.
- Fulu, E., Jewkes, R., Roselli, T., & Garcia-Moreno, C. (2013). Prevalence of and factores associated with male perpetration of intimate partner violence: findings from the UN Multi-country Cross-sectional Study on Men and Violence in Asia and the Pacific. *Lancet Glob Health*, *1*, 187-207.
- García, E. L. (2004). La figura del agresor em la violència de género: características personales e intervención. *Papeles del psicólogo*, *88*. Acessado em 28 de dezembro, 2013, em <http://www.papelesdelpsicologo.es/vernumero.asp?id=1160>.
- Hirigoyen, M. (2006). *A violencia no casal: da coação psicológica à agressão física*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Jewkes, R., Sikweyiya, Y., Morrell, R., & Dunkle, K. L. (2011). Gender inequitable masculinity and sexual entitlement in rape perpetration South Africa: findings of a cross-sectional study. *PloS One*, *6*, (12). Recuperado em 22 de janeiro, 2014, de <http://www.plosone.org/article/fetchObject.action?uri=info%3Adoi%2F10.1371%2Fjournal.pone.0029590&representation=PDF>.
- Krug, E. G.; Dahlberg, L. L.; Mercy, J. A; Zwi, A. B., & Lozano, R. (2003). *Informe Mundial Sobre la Violencia y la Salud*. Washington, E.U.A.

Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Lei n. 11.340, de 07 de agosto de 2006 (2006). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. DF: Brasília.

Lei n. 11.489, de 20 de junho de 2007 (2007). Institui o dia 6 de dezembro como o Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência contra as Mulheres. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. DF: Brasília.

Lima, G. Q. (2010). *História de vida e escolha conjugal em mulheres que sofrem violência doméstica*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.

Lima, G. Q., & Werlang, B. S. G. (2011). Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16 (4), 511-520.

Lima, G. Q., Werlang, B. S. G., & Potrich, L. T. (2012). O efeito da repetição na escolha conjugal: contribuições da psicanálise. In M. M. K. Macedo, & B. S. G. Werlang (Orgs.), *Psicanálise e Universidade: potencialidades teóricas no cenário da pesquisa* (pp. 284-303) Porto Alegre: EDIPUCRS.

Minayo, M. C. S. (2005). Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Impacto da violência na saúde*

- dos brasileiros / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde* (pp. 9-42)
Brasília: Ministério da Saúde.
- Moraes, A. F., & Ribeiro, L. (2012). As políticas de combate à violência contra a mulher no Brasil e a “responsabilização” dos “homens autores de violência”. *Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana*, 11, 37-58.
- Oliveira, K. L. C., & Gomes, R. (2011). Homens e Violência Conjugal: uma análise de estudos brasileiros. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16 (5), 2401-2413.
- Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*.
Brasília: OMS/OPAS.
- Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. (2011). Estilo parental de origem e ansiedade em homens com histórico de agressão à parceira. *Estudos de Psicologia*, 16 (3), 263-269.
- Pincus, L., & Dare, C. (1981). *Psicodinâmica da família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rosa, A. G., Boing, A. F., Büchele, F., Oliveira, W. F., & Coelho, E. B. S. (2008). A Violência Conjugal Contra a Mulher a Partir da Ótica do Homem Autor da Violência. *Saúde Soc. São Paulo*, 17 (3), 152-160.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Schraiber, L. B., D’Oliveira, A. F. P. L., Falcão, M. T. C., & Figueiredo, W. S. (2005). *Violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde os direitos humanos*.
São Paulo: Editora UNESP.
- Silverman, J. G., Decker, M. R., Kapur, N. A., Gupta, J., & Raj A. (2007). Violence against wives, sexual risk and sexually transmitted infection among Bangladeshi men. *Sex Transm Infect*, 83 (3), 211-215.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE

Produzir uma Tese de Doutorado não é uma tarefa simples. Durante o caminho percorrido são muitos os desafios enfrentados. Desde a seleção para entrada no Curso, a aprovação em todos os créditos necessários, a pontuação obtida através da publicação de artigos científicos, livros e capítulos de livro, a organização de um projeto de pesquisa que seja relevante, original e, ao mesmo tempo, motivador e instigante para o pesquisador. Além disso, operacionalizar a pesquisa e colocar em palavras escritas o caminho percorrido, assim como os resultados e a compreensão alcançada são tarefas árduas. Contudo, também há muitos momentos de prazer e satisfação. Prazer pelas reflexões propiciadas, pelo conhecimento e aprendizado que são inigualáveis, no que diz respeito à trajetória acadêmica, e, principalmente, prazer por poder contribuir de forma significativa para um objetivo maior. O objetivo de aperfeiçoar o conhecimento e a prática psicológica como ferramentas capazes de transformar as relações interpessoais. Portanto, o maior prazer obtido certamente foi o despertado pelo encontro com cada um dos participantes dessa pesquisa. Entrar em contato com a história de vida de pessoas que estão, simbolicamente e concretamente, aprisionadas e possibilitar momentos de escuta desprendidos de julgamento e de expectativas, se evidenciou como a principal contribuição deste trabalho. Entende-se que desde o consentimento desses homens em participar desta pesquisa, fica evidenciado o potencial que o trabalho da psicologia possui para auxiliar de forma significativa para a prevenção e intervenção neste importante fenômeno violento, a violência doméstica contra a mulher. Se três pessoas se dispuseram a investir tempo e energia para narrar suas histórias de vida, sentimentos e angústias, deve-se acreditar que há espaço e disponibilidade para este tipo de trabalho, mesmo com os agressores conjugais.

Produzir esta Tese permitiu verificar teórica e empiricamente que há muito que se fazer no trabalho com homens que perpetram violência contra as suas parceiras íntimas. O artigo apresentado na Seção I demonstra o percurso teórico realizado em busca de uma explicação, de uma fundamentação que mostrasse uma direção a seguir, pois antes da prática, ou pelo menos de forma paralela, precisa existir um embasamento teórico consistente como ponto de partida. Nesse sentido, conceitos como trauma, narcisismo e pulsão de morte, a partir da teoria freudiana, se mostraram relevantes e apropriados em termos de suporte para a realização desta pesquisa. Após este primeiro momento, a operacionalização do projeto de pesquisa permitiu exercitar de forma prática a reflexão e a produção teórica realizada. O resultado alcançado foi exposto na Seção II. Este primeiro artigo empírico evidencia que os agressores conjugais possuem histórias de vidas marcadas pelo desamparo e pela violência na base das suas relações mais primevas. Verifica-se o prejuízo causado na constituição psíquica desses homens, principalmente no que diz respeito ao processo do narcisismo que se mostrou como um fator desestruturante do psiquismo, e não organizador, como se almeja. A escolha conjugal desses homens representa mais uma tentativa de encontrar o amor que não foi recebido no passado. A violência cometida, por sua vez, parece representar a tentativa desesperada de se livrar da possibilidade de uma nova condição de desamor.

A Seção III, segundo artigo empírico da Tese, apresentou o estudo de caso de um dos participantes da pesquisa, permitindo o aprofundamento dos recursos teóricos utilizados (trauma, narcisismo e pulsão de morte) para a compreensão do fenômeno a partir da singularidade de uma história de vida. Assim, percebe-se, a partir de mais de um estudo, que os participantes da pesquisa possuem demandas claras para a intervenção da área da psicologia e da saúde mental como um todo. Tal observação parece ser apropriada para os agressores conjugais como um todo. Além dos resultados encontrados, não se pode desconsiderar os fatores sociais e culturais envolvidos nesse fenômeno. A sociedade atual

ainda se mostra machista e tolerante a muitas formas de violência, legitimando, por vezes, comportamentos que não são permitidos em outros contextos, mas que na relação íntima são justificáveis.

Espera-se, então, que esta Tese e as produções que decorrerão da mesma sirvam como ponto de partida e como estímulo para que mais pesquisas sejam realizadas com agressores conjugais, possibilitando que este fenômeno violento seja abordado por todos os seus ângulos, pois de outra forma não se encontrará êxito em termos preventivos. Espera-se, também, que a leitura desse material oportunize reflexão sobre as relações no geral, mobilizando o desejo de busca pela paz e pelo amor em todas as relações que se estabelece e a importância do trabalho psicológico desprovido de julgamentos. Deseja-se que os profissionais da área da saúde, principalmente, possam estar mais disponíveis para este tipo de reflexão e para a relação baseada no afeto como a mais importante mola propulsora da pulsão de vida.